

Introdução ao Dossiê Juventudes, Decolonialidades e Estéticas Insurgentes

*Otávio Raposo**

*Livia Jiménez Sedano***

*Redy Wilson Lima****

Os diálogos culturais gerados entre África, Américas e Europa têm sido férteis na difusão de novas narrativas sonoras, corporais e plásticas, globalizadas em ritmo acelerado através das migrações internacionais e de plataformas comunicacionais na era/geração digital (Feixa, 2014). Do funk carioca ao rap crioulo, da arte performativa às linguagens audiovisuais, as intervenções estéticas protagonizadas por jovens de áreas socialmente periféricas – seja nas margens do sistema-mundo capitalista, seja nas margens dos países imperiais – têm conquistado espaço na Internet, televisão e rádio, bem como em exposições de arte e pistas de dança de ambos os lados do Atlântico (Kabir, 2014; Aderaldo e Raposo, 2016; Marcon et al., 2018). Esses processos de globalização têm seguido uma lógica contra-hegemônica, constituindo o que Thussu (2007) denomina “contrafluxos” (ver Jiménez, 2019 para o caso da kizomba). Muitas dessas intervenções estéticas, por outro lado, têm a capacidade de inserir pautas incômodas ao poder público, dando visibilidade a uma política de representação que busca cidadania social e cultural entre aqueles que ocupam posições marginais e periféricas na atual ordem neoliberal (Raposo, 2016).

* Professor auxiliar convidado do Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) e pesquisador integrado do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL). Este dossiê inscreve-se também no projeto ArtCitizenship (PTDC/SOC-SOC/28655/2017), financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P

** Professora e pesquisadora no Departamento de Antropologia Social e Cultural da Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED, Madrid).

*** Sociólogo, doutorando em Estudos Urbanos na FCSH-UNL e no ISCTE-IUL, pesquisador e professor assistente no Instituto Superior de Ciências Jurídicas e Sociais de Cabo Verde.

Essas formas de expressão cultural espalhadas a nível global incorporam-se a novos contextos nos quais adquirem novos significados políticos e sociais, promotores de sociabilidades alternativas e estilos de vida “contraculturais”, passíveis de, por vezes, se contraporem às dinâmicas de segregação urbana, dos racismos e das violências (Marcon et al., 2018). Nesses trânsitos de pessoas, saberes e experimentações também emergem estéticas relacionadas às questões de poder, implicadas por diásporas e memórias relacionadas ao colonialismo, produtoras de reflexões identitárias que não raras vezes potenciam a agência política dos jovens. Neste sentido, tornam-se também práticas de intervenção e oposição às injustiças e ao olhar eurocêntrico hegemônico, ao representar a realidade a partir da perspectiva de como o subalternizado vê o mundo. A ênfase na produção de conhecimentos, experiências e imaginários feita desde a posição de grupos sociais situados fora dos centros produtores dos discursos amplamente legitimados ao nível global pelo atual sistema neoliberal encontra eco no pensamento decolonial (Mignolo, 2007; Quijano, 2000), cujo quadro teórico-epistemológico os organizadores e autores deste dossiê se apoiam.

O objetivo deste dossiê foi problematizar, desde uma perspectiva interdisciplinar das Ciências Sociais, expressividades estéticas e estilos de vida, estratégias de disseminação da arte e performances entre jovens de contextos desfavorecidos e/ou marginalizados, decorrentes das relações entre colonialidade e decolonialidade de poderes e saberes. Ao lançar o desafio a um conjunto de pesquisadores de diferentes países (Portugal, Brasil, Cabo Verde e Espanha) em torno de pesquisas etnográficas que enfocassem e problematizassem as expressividades estéticas protagonizadas por jovens de áreas socialmente periféricas, quisemos amadurecer uma discussão realizada em diferentes painéis organizadas por nós em Congressos da Associação Portuguesa de Antropologia (2016 e 2019) e da Rede Afroeuropeans (2019). O resultado que obtivemos foi bastante estimulante,

pois dos artigos aceites foi possível oferecer um panóptico de perspectivas das juventudes em análise (e também das infâncias) a partir da articulação de diferentes reflexões e conceitos-chave: os termos “periférico”, os modos de criatividade digital, o marco teórico decolonial e as estéticas de resistência com suas potencialidades de transformação social. Os/as autores/as aqui reunidos/as buscaram refletir sobre influentes circuitos musicais e as trajetórias de alguns dos seus participantes; a agência política dos jovens associada às dinâmicas de criatividade artística; a performatividade contida na dança e na intervenção política; os imaginários e as configurações identitárias dessa juventude frente às condições de estigmatização, desigualdade econômica e insatisfação de políticas eurocêntricas ou marcadas pela colonialidade do poder. Não obstante a diversidade de reflexões sobre as múltiplas manifestações artístico-culturais reunidas neste dossiê, consideramos todas elas enquanto estéticas insurgentes, pois questionadoras da subalternidade em que vivem os seus agentes. Esse termo quer chamar atenção para o potencial de certas expressividades estéticas – de índole artística, cultural, lúdica e criativa – em gerar ações mobilizadores capazes de desconstruir as representações hegemônicas sobre si próprios e os seus lugares de origem (Raposo, 2019).

Num momento em que as dimensões transnacionais e decoloniais das produções culturais adquirem um impacto decisivo na afirmação das identidades juvenis, este dossiê reúne artigos que se propõem a compreender de uma forma bastante original um conjunto de estéticas insurgentes, como é o caso: de ritmos que vão do funk carioca e Mahragan egípcio ao rap cabo-verdiano, do movimento clubber em São Paulo e Londres aos músicos de rua de Lisboa, do cinema de libertação na Guiné-Bissau à performatividade das crianças Sem Terrinha. Impulsionadas pelo maior acesso às novas tecnologias digitais, essas estéticas contribuem para reposicionar o papel de agência da juventude em situação de vulnerabilidade social, às vezes etiquetada com categorias ét-

nicas e raciais (“negra” e/ou “africana”), outras vezes com categorias territoriais (“periférica” e/ou dos “bairros populares”) e de classe (“pobre” e/ou “trabalhadora”). Problematicar as práticas artísticas e intervenções estéticas juvenis revela-se necessário para a compreensão dos inovadores modos de participação político-cidadão dos jovens, principalmente quando as formas tradicionais de organização das populações subalternizadas em partidos, sindicatos e outros movimentos sociais encontram-se descredibilizadas. Num mundo onde as lógicas da dominação, da marginalização e da falta de oportunidades acentuam-se, em que para as novas gerações sobram incertezas quanto ao futuro, conhecer o modo como as estéticas são mobilizadas pelos jovens para sonhar, lutar e conferir sentido às suas vidas é um passo importante para restituir utopias e “ganhar fôlego” frente aos campos de batalha da vida social.

Ricardo Campos e Alix Didier Sarrouy partem da ideia de criatividade para abordar as dimensões da participação, cidadania e agência política dos jovens. No artigo intitulado “Juventude, criatividade e agência política” fazem um cuidadoso estado da arte desses conceitos para pôr em causa a imagem das novas gerações como apáticos e alienados. Ao refletirem sobre o envolvimento político dos e das jovens para além das suas fronteiras institucionais, eles se deparam com estéticas, práticas artísticas e “políticas da vida” que expressariam novas agendas, linguagens e sentidos de participação.

Redy Wilson Lima no artigo “Di kamaradas a irmons: o rap cabo-verdiano e a (re)construção de uma identidade de resistência” faz uma rica síntese histórica da invenção da identidade mestiça em Cabo Verde para refletir sobre a importância do rap na rearticulação de uma identidade africana para a juventude deste arquipélago. Exponente de resistência para aqueles que habitam espaços marginais (e *di fora*) das cidades da Praia e do Mindelo, o rap cabo-verdiano sintetiza a inventividade das novas formas de fazer política entre os e as jovens na contemporaneidade.

José Sánchez García analisa as componentes de resistência da música Mahragan, e a sua versão Shabi, para pensar tanto as estruturas de dominação que recaem sobre os e as jovens das periferias do Cairo quanto as perspectivas decoloniais desta expressividade estética. No artigo “Mahragan, Islamacate y Modernidad. Una análisis desde perspectivas decoloniales” problematiza-se rivalidades musicais e políticas culturais numa sociedade atravessada por tensões de classe, religião e de abertura a um capitalismo neoliberal dominado por instâncias colonizadoras.

Catarina Laranjeiro faz uma retrospectiva do cinema guineense, desde a altura das lutas de libertação colonial ao período mais recente de consolidação da independência política e emergência dos novos meios digitais. Ao destacar a importância das imagens na (re)construção e negociação das identidades subalternas, marcadas pela crítica ao olhar colonial, o artigo “Imaginários anticoloniais e pós-coloniais: o cinema de Libertação na Guiné-Bissau” trespassa variados períodos históricos a que os filmes são, em simultâneo, testemunhas e agentes catalisadores da emancipação social.

Tatiana Bacal e Emílio Domingos identificam no vídeo “Passinho foda” um momento marcante para a emergência de uma nova modalidade de dança urbana, cuja influência na juventude funkeira carioca contribuiu também para o modelar deste estilo musical. As transformações pelas quais a performance do passinho atravessou são ricamente debatidas no artigo “A arte performativa do Passinho foda: 2008-20018”, uma dança catapultada (e viralizada) para a cena pública por meios imagéticos e digitais.

Ricardo Bento no artigo “Trajetórias musicais: das sonoridades de rua aos circuitos transculturais de Lisboa” acompanha as carreiras artísticas dos músicos da Alta Cena, em que experiências, performances, aprendizagem e redes de sociabilidades são configuradas em diferentes palcos: no espaço público, em casas de

show e em festivais. Composto sobretudo por imigrantes brasileiros e africanos, estes músicos materializam circuitos sonoros, responsáveis pelos novos ritmos que apresentam Lisboa como cidade cosmopolita e intercultural.

Paula Guerra e Henrique Grimaldi Figueredo fazem uma comparação da cultura clubber de São Paulo e Londres, tomando como eixo de análise dois ícones – Alexandre Herchcovitch e Alexander McQueen – centrais para a relevância estética e social deste estilo em ambas as cidades. Entendidos como agentes dissidentes, esses dois artistas são o fio condutor do artigo “Prosopografias clubbers em São Paulo e Londres: moda, estilo, estética e cenas musicais contemporâneas”, em que se debate desde as transformações as quais as juventudes paulista e britânica atravessaram nos anos 1990 até a riqueza cultural deste universo musical *underground* e disruptivo.

Luciana Hartmann, Jonielson Ribeiro de Sousa e Ana Carolina de Sousa Castro apoiam-se na Pedagogia do Oprimido (de Paulo Freire) e no Teatro do Oprimido (de Augusto Boal) para propor “pedagogias performativas” junto das crianças Sem Terrinha. O artigo “Luta pela terra, performance e protagonismo infantil no I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha (Brasília – 2018)” parte da perspectiva de que as crianças são protagonistas na luta (pela terra) e na vida, recorrendo a jogos e pedagogias teatrais partilhadas para aprofundar esta análise.

Em resumo, no presente dossiê podemos encontrar uma pequena amostra das múltiplas formas de agência política e cultural dos e das jovens e crianças que habitam espaços sociais marginalizados. Esta viagem por diferentes “janelas etnográficas” nos apresenta exemplos da diversidade de processos de resistência, luta e transformação simbólica das realidades, cujas injustiças e assimetrias são condicionantes (des)estruturais dos estilos de vida juvenis. Convidamos a ler os artigos deste dossiê desde

uma perspectiva decolonial, no sentido de considerar as músicas, as danças, as modas e outras expressões estéticas abordadas nos textos como discursos (visuais, sonoros, kinéticos, etc.) alternativos ao hegemônico, pois são enunciadores de narrativas, estratégias de sociabilidade grupal e visibilidade social insurgentes quanto ao lugar marginal a que parte significativa dos e das jovens são relegados. Em síntese, são estéticas que expressam formas de apropriação simbólica e de (re)interpretação da realidade que buscam uma posição de força e um lugar de enunciação entre os sujeitos subalternizados numa cena global atravessada por enormes desigualdades. Boa leitura!

Referências

Aderaldo, Guilherme e Raposo, Otávio. Deslocando Fronteiras: notas sobre intervenções estéticas, produções culturais e mobilidade juvenil em áreas segregadas de São Paulo e Lisboa. **Revista Horizontes Antropológicos**, v. 22, n. 45, p. 279-305, 2016.

Feixa, Carles. **De la generación @ a la # generación: la juventude en la era digital**. Barcelona: NED, 2014.

Kabir, Ananya J. Oceans, cities, islands: sites and routes of Afro-Diasporic rhythm cultures. **Atlantic Studies**, v. 11, n. 1, p. 106-124, 2014.

Marcon, Frank; Sedano, Livia e Raposo, Otávio. Introdução ao Dossiê “Juventudes e Músicas Digitais Periféricas”. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 7, n. 1, p. 5-14, 2018.

Mignolo, Walter D. Introduction: Coloniality of Power and De-colonial Thinking. **Cultural Studies**, v. 21, n. 2-3, p. 151-167, 2007.

Quijano, Aníbal. Coloniality of Power, Eurocentrism and Latin-America. **Nepantla: Views from the South**, v. 1, n. 3, p. 533-580, 2000.

Jiménez, Livia. From Angola to the world, from the world to Lisbon and Paris: how structural inequalities shaped the global kizomba dance industry, **Poetics**, vol. 75, 2019.

Raposo, Otávio. Arte e Cultura: aprendizagens informais na Afro-Lisboa. **Revista Medi@ções**, v. 7, n. 2, p. 37-53. 2019.

Raposo, Otávio. Cartografia da dança. Segregação e estilos de vida nas margens da cidade. **Revista Mana**, v. 22, n. 3, p. 765-797, 2016.

Thussu, Daya Kishan. (ed.) **Media on the flow. Global flow and contra-flow**. London: Routledge, 2007.